

A PROVA DE FÉ DE ABRAÃO (GÊNESIS 22)

O principal episódio registrado no capítulo 22 é um dos mais conhecidos do Antigo Testamento. Todavia, ele também é um dos mais difíceis para os leitores compreenderem. Abraão finalmente tinha recebido o tão esperado filho da promessa, Isaque. Daí, numa prova de fé, Deus lhe pediu que tirasse a vida do rapaz (22:1–14). O capítulo termina com uma renovação da promessa de que Abraão seria abençoado com numerosos descendentes (22:15–19) e com uma nota sobre a progênie de seu irmão Naor (22:20–24).

A FIDELIDADE DE ABRAÃO (22:1–14)

O Chamado para Sacrificar Isaque (22:1–8)

¹Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: **Abraão! Este lhe respondeu: Eis-me aqui!** ²Acrescentou Deus: **Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei.** ³Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo dois dos seus servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. ⁴Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe. ⁵Então, disse a seus servos: **Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós.** ⁶Tomou Abraão a lenha do holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho; ele, porém, levava nas mãos o fogo e o cutelo. Assim, caminhavam ambos juntos. ⁷Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: **Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha,**

mas onde está o cordeiro para o holocausto? ⁸**Respondeu Abraão: Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos.**

A ideia de que Deus mandaria Abraão oferecer um sacrifício humano é repugnante a qualquer leitor contemporâneo. Atribuir essa tarefa a esse homem de fé que esperou tanto tempo por um herdeiro legítimo parece cruel. Como um Deus bom, que interveio nas vidas duas pessoas idosas e lhes deu esperança por meio da concepção e do nascimento de Isaque, pôde pedir que o patriarca matasse seu filho da promessa?

Ao mesmo tempo, como foi que Abraão obedeceu tão prontamente ao pedido de Deus para oferecer seu filho sem hesitar nem questionar? Considerando que ele amava tanto Isaque, por que ele não suplicou pela vida dele, como fez por Ló e outros habitantes de Sodoma e Gomorra? Estas são perguntas difíceis, e o texto não fornece as respostas. Contudo, a narrativa ensaia uma solução, e passagens semelhantes que descrevem Deus provando indivíduos ou a nação de Israel ajudam a esclarecer alguns conceitos errados. Também o Novo Testamento provê alguma assistência para acalmar ideias falsas sobre Deus e sobre Abraão.

Versículo 1. O começo do capítulo contém a seguinte introdução: **Depois dessas coisas.** Quanto tempo se passou desde os fatos descritos no capítulo anterior não sabemos; mas houve um grande intervalo entre o nascimento de Isaque e o encontro com Abimeleque. Isaque era pelo menos um adolescente a essa altura; e mesmo que Deus não tivesse falado com **Abraão** por algum tempo, a resposta dele a Deus foi imediata: **Eis-me aqui!**

O relato, então, revela o propósito da ordem: **pôs Deus Abraão à prova**. Essa afirmação é confusa para alguns porque o termo hebraico נָסָה (*nasah*) traduzido aqui e em outras passagens por “pôr à prova” também é traduzido por “tentar” (ERC). Esta segunda tradução, à primeira vista, dá a impressão de que Deus estava tentando instigar Abraão a pecar, embora a Bíblia afirme claramente que Deus jamais tenta o homem a pecar (Tiago 1:13). A mesma raiz hebraica relativa a Deus pôr Abraão à prova é geralmente usada quando Ele prova o Seu povo (veja Êxodo 15:25; 16:4; 20:20; Deuteronômio 8:16; 13:3; Juízes 2:22; 3:1, 4).

Uma possível razão para essa provação é citada num relato sobre o rei Ezequias: o Senhor “o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração” (2 Crônicas 32:31; veja Deuteronômio 8:2; Salmos 26:2). Nessa provação, Deus expôs as verdadeiras intenções e motivações do Seu povo. Através desse processo¹, Ele esperava desenvolver neles traços e qualidades de um caráter desejável, especialmente uma fé mais profunda. No caso de Abraão, o Senhor queria ver se, após todos aqueles anos, a fé e o caráter do patriarca sobreviveriam à prova final. Deixaria ele de lado sua razão humana, seu profundo amor por Isaque e todos os seus sonhos para o futuro do filho para colocar a vontade de Deus acima da sua própria vontade? Confiaria ele em Deus o suficiente para oferecer Isaque como um sacrifício humano (Hebreus 11:17–19)?

Versículo 2. A ordem divina dada a Abraão desafia o entendimento racional. Ela começou com um imperativo composto de três referências a Isaque que se intensificam à medida que migram do geral para o específico: **Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas**.

O hebraico יָחִיד (*yachid*, “único”) significa literalmente “único, solitário” no sentido de algo “singular e inestimável”². *Yachid* é o equivalente ao grego μονογενής (*monogenes*), usado para Isaque em Hebreus 11:17. Nesse texto, o termo é traduzido em outra versão por “unigênito” (ERA). Todavia, essa tradução está incorreta, preservan-

do uma versão que começou com Jerônimo na versão latina Vulgata (395 d.C.), sendo depois adotada pelos tradutores da *King James Version* (1611 d.C.). É inexata a referência a Isaque como “unigênito”, pois Abraão já tinha dois filhos: Ismael e Isaque. Em vez disso, Isaque era o “único filho”³ nascido por causa de uma promessa aos pais que já haviam passado da idade de procriação. O nascimento dele foi miraculoso.

Dando continuidade à sua ordem, Deus instruiu Abraão: **E vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei**. A expressão exata “a terra de Moriá” não ocorre em outro trecho da Bíblia. A outra única referência a Moriá no Antigo Testamento está em 2 Crônicas 3:1, que afirma: “Começou Salomão a edificar a Casa do SENHOR em Jerusalém, no monte Moriá, onde o SENHOR aparecera a Davi, seu pai”. Aparentemente, numa época posterior, o nome “Moriá” veio a ser aplicado a um monte específico – “o monte do Senhor” (22:14) – e não a uma região geral. Os israelitas deram o nome “Monte Moriá” a certo lugar em Jerusalém onde acreditavam que fora feito o sacrifício de Isaque. Nesse local, Davi ofereceu sacrifícios a Deus (2 Samuel 24:16–25; 1 Crônicas 21:16–26) e Salomão construiu o templo⁴.

A dificuldade da ordem de Deus para Abraão estava na instrução para que ele oferecesse Isaque “em holocausto” ou “oferta queimada” (עֹלָה, *’olah*). Mais tarde, a lei israelita designou o *’olah* como o único sacrifício que deveria ser completamente consumido no altar⁵. Isto produzia um aroma agradável a Deus (8:21; Levítico 1:9). Porque representava uma vida totalmente consagrada a Ele. O problema surge pelo fato de sacrifícios humanos eram abomináveis para Iavé. Mais tarde, Ele proibiu que queimassem crianças a Ele como os pagãos faziam para adorar seus deuses (Levítico 18:21; 20:1–5; Deuteronômio 12:31; 18:10).

Quanto Abraão sabia da aversão de Deus por sacrifícios humanos? Ainda não fomos informa-

¹G. Gerleman, “נסה” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 2, pp. 741–42.

²Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 402.

³Este é o significado correto de *monogenes* no Novo Testamento. (Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 658. Veja outras traduções mais exatas do termo com referência a Jesus, em João 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9 (NIV).

⁴Sobre a relação do sacrifício de Isaque com o monte do templo, veja Flávio Josefo, *Antiguidades* 7.13.4; *Jubileus* 18.13.

⁵G. Lloyd Carr, “עֹלָה” em *DITAT*, vol. 2, pp. 666–68.

dos disso no texto bíblico. Todavia, a ordem de Iavé para levar Isaque – o filho da promessa – e entregá-lo ao fogo, como uma oferta queimada, deve ter abalado o patriarca no mais íntimo do seu ser. Aquela seria a prova máxima de sua fé.

A pergunta envolvia a natureza e o caráter de Deus. Abraão conhecia o Senhor o suficiente, após todos aqueles anos, para saber que Ele era bom e misericordioso, nunca agindo por motivos suspeitos. Sendo assim, mesmo sem entender a razão dessa ordem, ele devia crer que Deus, de algum modo, faria tudo acabar bem. Recordando esse momento, o autor de Hebreus disse que o patriarca agiu por fé, confiando que, se matasse o filho, o Senhor o ressuscitaria “dos mortos” (Hebreus 11:19).

Versículo 3. Quaisquer que tenham sido as lutas psicológicas que Abraão vivenciou naquela noite, ele resolveu todas. O texto afirma que ele se levantou **de madrugada**. Essa expressão sugere que o patriarca reagiu com urgência às instruções divinas (veja 19:27; 20:8; 21:14). Ele não hesitou em obedecer à ordem de Deus. Pelo contrário, separou provisões para uma jornada de uns três dias (22:4) que incluíam **o seu jumento, dois dos seus servos, lenha e Isaque, seu filho**.

Versículo 4. O trajeto de Berseba até o local tradicionalmente conhecido como monte Moriá (Jerusalém) compreende uns oitenta quilômetros e o coração de Abraão devia estar pesaroso com a ideia do que Deus lhe pedira para fazer ali: oferecer Isaque em holocausto, ou seja, oferta totalmente queimada. Foi **ao terceiro dia** que o patriarca **viu o lugar de longe**.

Versículo 5. Todavia, ele não revelou a Isaque ou aos servos o real propósito de sua viagem. No lugar disso, instruiu **seus servos a esperarem ali com o jumento**, enquanto ele e Isaque continuavam a subir até o lugar que Deus lhe indicara. Então, Abraão disse: **Havendo adorado, voltaremos para junto de vós**. Esta frase mostra a total confiança de Abraão em Deus. De alguma forma – mesmo que nem ele soubesse como – ele previa que ambos voltariam.

Versículo 6. Física e emocionalmente, a próxima fase da viagem deve ter sido a mais difícil para o velho patriarca e seu filho, assim que deixaram os dois servos para trás com o jumento. O registro bíblico afirma que **tomou Abraão a lenha do holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho**. Apesar de provavelmente ser um adolescen-

te, sem dúvida, carregar lenha suficiente para um grande sacrifício no alto daquele monte deve ter exigido muito esforço do rapaz. Diz um midrash [uma espécie de conto judeu] que Isaque, apurado com o peso da lenha nas costas, era como um criminoso condenado, forçado a carregar a própria cruz⁶. Dá para imaginar o tormento no coração de Abraão, à proporção que ele seguia em frente com Isaque. **Levava nas mãos o fogo⁷ e o cutelo** que teria de usar no próprio filho para executar as instruções do Senhor, sabendo que não demoraria muito para ele ter que explicar o verdadeiro propósito daquela viagem.

Versículo 7. Enquanto o pai e o filho subiam o monte juntos, **Isaque** deve ter quebrado o silêncio fúnebre ao dirigir-se a **Abraão**. Ele percebera que tinham os itens necessários para matar um animal e queimá-lo no altar; porém, indagou: **Onde está o cordeiro para o holocausto?** Parece que o garoto confiava completamente no pai; mas estava confuso, pois eles não tinham um animal para sacrificar. O patriarca não repreendeu o filho por ser presunçoso; pelo contrário, o diálogo ilustra o profundo amor e respeito existente entre ambos. Isaque dirigiu-se a ele afetuosamente como **meu pai** e Abraão respondeu amavelmente como **meu filho**.

Versículo 8. Não vemos indicação de que o patriarca se entristeceu com a pergunta de Isaque, nem que ele foi rude ao responder. Com certeza, Abraão esperava essa pergunta, e sua resposta foi um imediato **Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto**. Em outras palavras, ao contrário do costumeiro sacrifício para o qual o adorador providenciava o animal, nessa ocasião, Abraão assegurou a Isaque que Deus providenciaria o cordeiro do sacrifício.

O Sacrifício de Isaque (22:9–14)

⁹**Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha; ¹⁰e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. ¹¹Mas do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui!**

⁶Genesis Rabbah 56.3.

⁷Provavelmente tratava-se de uma tocha ardente ou uma brasa inflamada.

¹²Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não Me negaste o filho, o teu único filho. ¹³Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. ¹⁴E pôs Abraão por nome àquele lugar — O SENHOR Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do SENHOR se proverá.

Versículo 9. Chegando ao lugar que Deus lhe havia designado, Abraão edificou... um altar e sobre ele dispôs a lenha. Visto que Isaque levava a lenha até o monte (22:6), ele certamente ajudou seu velho pai, que já tinha mais de cem anos a essa conjuntura, a erguer e arrumar as pedras para o altar. A ênfase do relato, obviamente, está na fé obediente de Abraão; porém, Isaque teve uma fé que cooperou, pois ele não questionou a necessidade das cordas. Além disso, parece que ele não resistiu quando o pai o **amarr**ou com as cordas e **o deitou no altar, em cima da lenha**. Sendo forte o bastante para levar a lenha, também era grande e forte o bastante para lutar com a força do pai ao amarrá-lo, se assim o desejasse. A implicação da narrativa é que, nessa hora, Isaque admitiu ser ele o sacrifício que o pai pretendia oferecer a Deus e mostrou-se uma vítima voluntária.

Versículo 10. O coração de Abraão deve ter se enchido de angústia enquanto ele **estendeu a mão e tomou o cutelo para imolar o filho**. A palavra “imolar”, שַׁחַת (*shachat*), significa “matar”. Esse termo técnico geralmente se referia a cortar a garganta de animais que deveriam ser queimados sobre o altar (Levítico 1:5, 11), mas também era usado para crianças executadas como sacrifícios a deuses pagãos na adoração ocultista (Isaías 57:5; Ezequiel 16:21; 23:39).

Versículos 11 e 12. Pouco antes de Abraão precipitar o cutelo ou faca no filho, ele foi interrompido porque **do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: Abraão! Abraão!** O vocativo duplo na Bíblia visava chamar a atenção imediata do indivíduo, impedindo-o de executar a ação. Também o preparava para novas instruções da parte de Deus⁸. Novamente, a resposta do patriarca

foi: **Eis-me aqui!** (veja 22:1, 7). Este é um ponto de virada na história, pois a prova cumprira seu propósito. A voz celestial agora invertia a ameaça original à vida do menino com uma ordem subsequente: **Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças**.

A frase que vem a seguir já conturbou muitos crentes: **Pois agora sei que temes [respeitas] a Deus, porquanto não Me negaste o filho, o teu único [yachid⁹] filho**. Alguns interpretam isso como comprovação de que Deus não pode prever o futuro, mas só sabe o que Ele experimenta num momento do tempo. Essa visão contradiz uma série de passagens claras que ensinam que Deus é onisciente, sabe tudo (Salmos 139:1–18; João 21:17; Romanos 11:33–36). A declaração de 22:12 não deve ser entendida literalmente; o conhecimento de Iavé era limitado somente num sentido metafórico.

Para ilustrar isso, é necessário rever todo o contexto da peregrinação de Abraão, desde o seu chamado por Deus, no capítulo 12, até a passagem atual. A narrativa de sua vida indica que o patriarca muitas vezes lutou com a fé e a obediência. Às vezes ele demonstrou fé suficiente para obedecer a Deus e, em outras situações, por ter uma fé fraca, o patriarca desobedeceu ou apenas obedeceu parcialmente ao Deus Eterno. Todavia, nessa ocasião, Deus provou ao máximo a confiança e submissão de Abraão a Ele. O Senhor queria ver se o patriarca tinha crescido espiritualmente a ponto de confiar e obedecer a Ele de coração, usando essa prova final com seu filho Isaque. Nesse sentido, Deus é como nós: queremos sentir – não apenas intelectualmente, mas por experiência – a alegria de ver nossos filhos, depois de severamente testados, ainda permanecerem fiéis e obedientes a nós.

O inverso também é verdadeiro. Deus sabia (intelectualmente) que Sua nação escolhida seria destruída e levada em cativeiro porque o povo não se arrependeria da idolatria e de outros pecados. Ainda assim, quando isso aconteceu, o Senhor experimentou a decepção e a tristeza de um coração frustrado¹⁰, assim como acontece com os pais humanos quando seus filhos são desobedientes e se recusam a se desviar da destruição

⁸Compare com o seguinte: “Jacó, Jacó” (46:2), “Moisés, Moisés!” (Êxodo 3:4), “Samuel! Samuel!” (1 Samuel 3:10) e “Saul, Saul” (Atos 9:4).

⁹Conforme observado nos comentários sobre 22:2, *yachid* significa que Isaque era “um filho singular” de Abraão.

¹⁰Veja em 6:5 e 6 a tristeza e decepção de Deus por causa da iniquidade do homem, a qual precipitou o dilúvio.

(Oseias 11:1–8).

Versículo 13. Depois de ouvir o anjo, **Abraão ergueu os olhos e viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres.** O aparecimento desse animal nos remete às palavras do patriarca ditas minutos atrás ao filho: “Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto” (22:8).

Tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. Esta é a primeira referência explícita na Bíblia à imolação de um animal em sacrifício substitutivo de um indivíduo (Isaque), que recebeu permissão para continuar vivo. Não foi um sacrifício de expiação, como ocorreria debaixo da Lei (Levítico 1:2–9; 4:27–31), porque não foi devido aos seus pecados que o menino quase morreu nas mãos do pai. Em vez disso, foi uma prova de fé do patriarca, cujo resultado foi positivo. A essa altura da vida, Abraão cria que “Deus era poderoso até para ressuscitar o filho dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou” (Hebreus 11:19)¹¹. Embora Abraão não tenha partido realmente a pele de Isaque com a faca, ele já estava internamente decidido a enterrar o cutelo na carne do filho. Consequentemente, sua alegria foi a mesma de recebê-lo de volta dos mortos.

Versículo 14. **Abraão chamou àquele lugar יהוה ירעה (YHWH Yir’eh), que significa O SENHOR Proverá.** A frase também poderia significar “O Senhor Verá”; mas aqui, por causa do versículo 8, “provê” faz mais sentido. O patriarca não chamou o lugar de “Abraão Obedeceu” para gloriar a própria obediência fiel; antes, honrou a provisão do Senhor do cordeiro para o sacrifício em lugar do filho. Acrescentando mais um detalhe, Moisés informou o seguinte a todos que lessem seu relato: **Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do SENHOR se proverá.**

A PROMESSA DE DEUS É RENOVADA (22:15–19)

¹⁵Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do SENHOR a Abraão ¹⁶e disse: **Jurei, por mim mesmo, diz o SENHOR, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho,** ¹⁷que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei

¹¹“Figuradamente” equivale ao grego παραβολή (*parabole*), geralmente traduzido por “parábola”. Aqui, deu-se primazia à natureza metafórica do termo.

a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, ¹⁸nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeste à minha voz. ¹⁹Então, voltou Abraão aos seus servos, e, juntos, foram para Berseba, onde fixou residência.

Versículos 15 e 16. Outra mensagem veio do céu. O anjo do SENHOR bradou: **Jurei, por mim mesmo,** que significa que esse juramento a Abraão tinha um peso especial e relevante, baseado no caráter fidedigno de Iavé (veja Jeremias 22:5; 49:13; Amós 4:2; 6:8; Hebreus 6:13–18). Então, o anjo revelou a razão para aquele juramento ao patriarca: **porquanto fizeste isso** – ou seja, agiu por fé obediente, não retendo seu filho, **o seu único filho** de morrer por suas mãos.

Versículo 17. Tendo Abraão demonstrado essa plena confiança através de seus atos, o Senhor reiterou as primeiras promessas que lhe fizera. Desta vez, as promessas foram garantidas pelo caráter imutável de Deus. A promessa foi esta: **[Eu] te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar.** Assim como nos contextos anteriores, “descendência” (נְרֵעַ, *zera*) é uma palavra singular no hebraico; porém costuma ter um significado coletivo de “descendentes” ou “posteridade”, sendo este o caso aqui. “As estrelas do céu” e “a areia na praia do mar” retratam vividamente uma multidão inumerável (13:16; 15:5; 26:4; 28:14; 32:12).

A promessa de que a descendência do patriarca **possuirá a cidade dos seus inimigos** é traduzida literalmente nas versões ACRF e ARIB por “possuirá a porta dos seus inimigos”. Aqui se empregou uma figura de linguagem chamada “sinédoque”, em que uma parte (“a porta”) é usada para representar o todo (a cidade)¹². A chave para se conquistar uma cidade era destruir sua porta com fogo ou um aríete. Esta porção da promessa antecipava a conquista de Canaã pelos israelitas, que começou com Josué, mas só se cumpriu no reinado do rei Davi.

Versículo 18. A última parte da promessa de Iavé – de que na descendência de Abraão **ser[iam] benditas todas as nações da terra** – só veio a se

¹²A família de Rebeca pronunciou uma bênção semelhante em 24:60.

concretizar quando Jesus Cristo, filho de Davi, veio ao mundo (Mateus 1:1–17). Somente após a morte e ressurreição de Jesus, a prova de que Ele era o Messias (Atos 2:29–36; Romanos 1:1–4), foi que o conceito de “descendente” prometido ampliou-se incluindo todos que se unem a Cristo pela fé e o batismo. Todos esses convertidos, de todas as nações, são contados como “descendência” de Abraão e “herdeiros” segundo as promessas de Deus (Gálatas 3:8, 9, 26–29). Tudo isso significava que a o próprio patriarca não viveria para ver o cumprimento dessas promessas; ele tinha de continuar a andar pela fé no fato de que Iavé, o qual “jurou por si mesmo”, um dia cumpriria essas promessas (Hebreus 6:13, 14).

Deus disse que Ele abençoaria todas as nações na terra através da descendência de Abraão **porquanto** [Abraão tinha] **obedecido à voz** [de Iavé]. Anteriormente, essas promessas estavam inteiramente baseadas na vontade e nos propósitos do Senhor. A partir deste ponto, elas se basearam tanto na vontade de Iavé como na obediência do patriarca. Além de Abraão e do relato de Gênesis, a obediência seria essencial para o sucesso dos descendentes do patriarca à medida que tentassem se estabelecer na terra de Canaã e ali se manter (Deuteronômio 6:4–15; 11:13–17; 30:15–20). A fé obediente de Abraão durante essa prova final – o sacrifício de Isaque – é um exemplo de provação para todos os crentes, em todas as gerações.

Versículo 19. Depois de oferecer o cordeiro, **voltou Abraão aos seus servos, e, juntos, foram** [para casa] **para Berseba**. O fato de ser citado, na breve conclusão desta seção, apenas o nome de “Abraão” voltando “aos seus servos” tem deixado, há séculos, os comentaristas bíblicos perplexos. Alguns alegaram que o patriarca realmente matou o filho como uma oferta de pecado. Outros ensinaram que Abraão o matou, o Senhor o ressuscitou dos mortos e os anjos o levaram para o céu. Além dessas, há uma série de especulações na tentativa de responder a pergunta: “Para onde Isaque foi?”

Todas as tentativas de se explicar por que Isaque não aparece no fim desta seção são injustificáveis por duas razões principais. Em primeiro lugar, a ausência de Isaque no fim do relato é paralela à ausência de Sara no começo da história. É claro que não era intenção do autor revelar os sentimentos, pensamentos ou palavras de Sara antes de Abraão e Isaque viajarem para o monte

Moriá. Nem pensou ele ser importante preservar os pensamentos do filho do casal após voltarem daquela difícil experiência.

Em segundo lugar, especular sobre a ausência de Isaque no fim da história desvia a atenção do leitor do ponto central. O propósito dessa narrativa não era registrar o estado de mente de Isaque ou o que ele pode ter dito enquanto voltava para Berseba com o pai; mas destacar a fé que permitiu Abraão passar na prova quase impensável que Iavé lhe propôs: matar seu filho Isaque, o filho da promessa. O relato nos ensina sobre sua absoluta confiança e obediência cega a Deus, qualidades estas que o tornaram o pai dos que futuramente creriam. Todos que creem como Abraão tornam-se seus descendentes espirituais.

NOTÍCIAS SOBRE A FAMÍLIA DE ABRAÃO (22:20–24)

²⁰Passadas essas coisas, foi dada notícia a Abraão, nestes termos: Milca também tem dado à luz filhos a Naor, teu irmão: ²¹Uz, o primogênito, Buz, seu irmão, Quemuel, pai de Arã, ²²Quésede, Hazo, Pildas, Jidrafe e Betuel. ²³Betuel gerou a Rebeca; estes oito deu à luz Milca a Naor, irmão de Abraão. ²⁴Sua concubina, cujo nome era Reumá, lhe deu também à luz filhos: Teba, Gaã, Taás e Maaca.

Tera, pai de Abraão, tinha mais dois filhos: Naor e Harã. Harã morreu em Ur, antes que a família fosse para Canaã (11:27, 28). O autor de Gênesis incluiu parte da história do filho de Harã, Ló, nos capítulos 12 a 19. Nesse momento da narrativa, porém, ele inverteu o curso e voltou a Naor, a fim de introduzir Rebeca, sua neta, que mais tarde conheceria Isaque e se casaria com ele (cap. 24).

Versículo 20. A notícia sobre **Naor, irmão de Abraão** pode ter chegado anos, e não semanas, após o sacrifício de Isaque. A expressão **passadas essas coisas** marca um período indefinido até o patriarca ser informado sobre a família de seu irmão em Harã, possivelmente, por alguma caravana. Parece que foi uma surpresa para Abraão ouvir que **Milca**, filha de Harã (11:29), **dera à luz filhos** ao irmão de Abraão, Naor. Evidentemente, quando os irmãos se dividiram em Harã, nenhum deles tinha filhos; mas, posteriormente, ambos se tornaram pais. É provável que Milca fosse muito mais jovem que Sara. Ela teve oito filhos, enquan-

to Sara só teve um.

Versículos 21 e 22. O **primogênito** de Milca era **Uz**. Ele não deve ser confundido com o “Uz” citado na Tabela das Nações, o qual era descendente de Arã. Uz também é usado no Antigo Testamento como nome de um lugar (veja os comentários sobre 10:23).

O **Buz** mencionado aqui não é o que descendia de Gade, filho de Jacó (1 Crônicas 5:11, 14). Esse nome também aparece como referência a um lugar. Eliú, que aconselhou Jó, é descrito como oriundo de Buz (Jó 32:2), que Jeremias associou com Dedã e Tema, na Arábia (Jeremias 25:23).

Quemuel é o mesmo nome dado a alguns indivíduos que não possuem parentesco entre si, citados em Números 34:24 e 1 Crônicas 27:17. Nada mais se sabe dele, exceto que era **pai de Arã**, o qual não é o descendente de Sem, citado em 10:22. Todavia, o nome Arã tende a sugerir uma ligação com o povo arameu compatível com alguém do clã de Naor em Harã.

Quésede é um nome que não aparece em outro versículo do Antigo Testamento. Ele tem sido vinculado foneticamente aos caldeus, que estabeleceram o Império Babilônico sob Nabucodonosor no começo do século VII a.C. Em toda a literatura antiga, **Hazo**, **Pildas** e **Judlafa** são mencionados somente aqui.

Betuel é alistado por último na série de oito filhos que Milca teve com Naor. O nome dele pode significar “habitação de Deus” ou “aquele que ha-

bita em Deus” ou pode equivaler a “homem de Deus”¹³. Em 25:20, Betuel é identificado como um “arameu” que residia em Padã-Harã (noroeste da Mesopotâmia).

Versículo 23. **Betuel gerou a Rebeca** e Labão (24:15, 47; 28:5). Rebeca se destaca aqui como a única descendente feminina de Naor mencionada no texto. A introdução de Rebeca prepara o leitor para seu casamento com Isaque, no capítulo 24.

Versículo 24. Naor, assim como seu irmão Abraão, tinha uma **concubina**; o nome dela era **Reumá**. Uma concubina era uma criada que se tornava uma esposa de segunda classe, tendo menos direitos legais do que a esposa regular (veja os comentários sobre 16:3). Todavia, por fazerem parte da família do marido, seus filhos também deviam receber uma parcela da herança do pai¹⁴. Reumá deu à luz quatro filhos: **Teba**, **Gaã**, **Taás** e **Maaca**. Pouco se sabe sobre eles, mas seus nomes estão associados a vários lugares do Líbano e da Síria modernos¹⁵. Ao todo, Naor teve doze filhos – oito com a esposa Milca e quatro com a concubina Reumá.

¹³Edwin C. Hostetter, “Bethuel (Person)” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 715.

¹⁴Allen C. Myers, “Concubine” in *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, p. 758.

¹⁵Kenneth A. Mathews, *Genesis 11:27—50:26*, *The New American Commentary*, vol. 1B. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2005, p. 310.